



# INCISIVOS

EDIÇÃO #02 10 ABRIL 2020 0€

## A PRIMEIRA REVISTA CRIADA EM QUARENTENA

Francisco Segurado Silva • Gonçalo Pina • João Rebocho Pais • Pedro Baptista-Bastos • Ricardo Silveirinha • Afonso de Melo • António Costa Santos • Carlos Vila Maior Lopes • Daniel Martins • Elsa Bettencourt • Filipe Rebelo • Garcia • José Carlos Soares • José Pimentel Teixeira • Lúcio Coluna • Márcia Branco • Marco Neves Ferreira • Martinho Pereira • Philmore Stevens • Rodrigo Saraiva • Sara Sampaio Simões • Vitor Reis



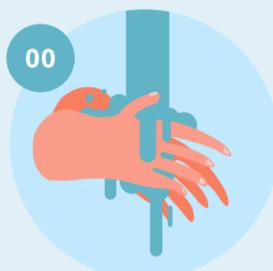
# Pacotes de Auxílio

# NOVO CORONAVÍRUS COVID-19

## LAVAGEM DAS MÃOS



Duração total do procedimento: **20 segundos**



Molhe as mãos



Aplique sabão suficiente para cobrir todas as superfícies das mãos



Esfregue as palmas das mãos, uma na outra



Palma com palma com os dedos entrelaçados



Esfregue o polegar esquerdo em sentido rotativo, entrelaçado na palma direita e vice versa



Esfregue rotativamente para trás e para a frente os dedos da mão direita na palma da mão esquerda e vice versa



Esfregue o pulso esquerdo com a mão direita e vice versa



Enxague as mãos com água



Seque as mãos com um toalhete descartável

Mordaz

## EDITORIAL



# NÃO HÁ ESPAÇO PARA A FALTA DE AMOR.

**NESTA EDIÇÃO** Francisco Segurado Silva, Gonçalo Pina, João Rebocho Pais, Pedro Baptista-Bastos, Ricardo Silveirinha, Afonso de Melo, António Costa Santos, Carlos Vila Maior Lopes, Daniel Martins, Elsa Bettencourt, Filipe Rebelo, Garcia, José Carlos Soares, José Pimentel Teixeira, Lúcio Coluna, Márcia Branco, Marco Neves Ferreira, Martinho Pereira, Philmore Stevens, Rodrigo Saraiva, Sara Sampaio Simões e Vítor Reis.

**ARTWORK E PAGINAÇÃO** Francisco Segurado Silva e Marco Neves Ferreira  
**ILUSTRAÇÃO** PiniOne e Mário Santos **IMAGENS** Pixabay.com, Macrovector, Freepik

## ÍNDICE

- 4/5** Amor e Verdade, Lúcio Coluna
- 6** Amor Mordaz, Ricardo Silveirinha
- 7** O Amor nos Tempos de Vírus, Pedro Baptista-Bastos
- 8/9** O Amor Lá no Fundo é..., João Rebocho Pais
- 10/11** À Distância Tão Curta de Um Silêncio, Afonso de Melo
- 12/13** Do Mundo para o Umbigo, Filipe Rebelo
- 14** O Amor e Tradição - o Caso Mexicano, António Costa Santos
- 15** FALTA, Gonçalo Pina
- 16/17** Só Pode Ter Sido Amor, José Carlos Soares
- 18** O Amor, Elsa Bettencourt
- 19** Pai, José Pimentel Teixeira
- 20/21** O Amor em Tempos de "He Who Cannot Be Named", Rodrigo Saraiva
- 22/25** Pão e Vinho Sobre a Mesa, Sara Sampaio Simões
- 26** Natália à Janela, Ricardo Silveirinha
- 27** 8:42 -I- Voando da Janela, Francisco Segurado Silva
- 28/29** Consultório do Dr. Phill, Philmore Stevens
- 30** Ponto de Apoio, Vítor Reis
- 31** Ai o Caroço! - Tomatada, Martinho Pereira
- 32** Son(d)ar - Daniel Martins, Garcia, Márcia Branco
- 33** BD - Tibúrcio & Gervásio, Pini & Segurado
- 34** Vixit - Marco Neves Ferreira

"A indiferença actua poderosamente na história. Actua passivamente, mas actua. É a fatalidade e aquilo com que não se pode contar; é aquilo que confunde os programas, que destrói os planos - mesmo os mais bem construídos." A frase é do sardo Antonio Gramsci (1891-1937), autor da teoria da hegemonia cultural, na qual descreve o Estado, nas sociedades ocidentais, como utilizador das instituições culturais para conservar o poder.

Apesar dos 100 anos volvidos sobre a sua doutrina, a frase interessa-nos mais pelo seu lado exógeno, pleno de actualidade: e se a hegemonia cultural de hoje estiver a ser regida pela indiferença? Não a indiferença da lassidão, antes outra, de programa, que nos confunde e ensina passivamente a praticar os diversos tipos de confinamento e a exercer a distância a todos os níveis. Uma prova dessa lavoura "por esporos" é o humor sob a forma de mèmes nos nossos smartphones, sobre todo o tipo de situações quotidianas praticadas à distância.

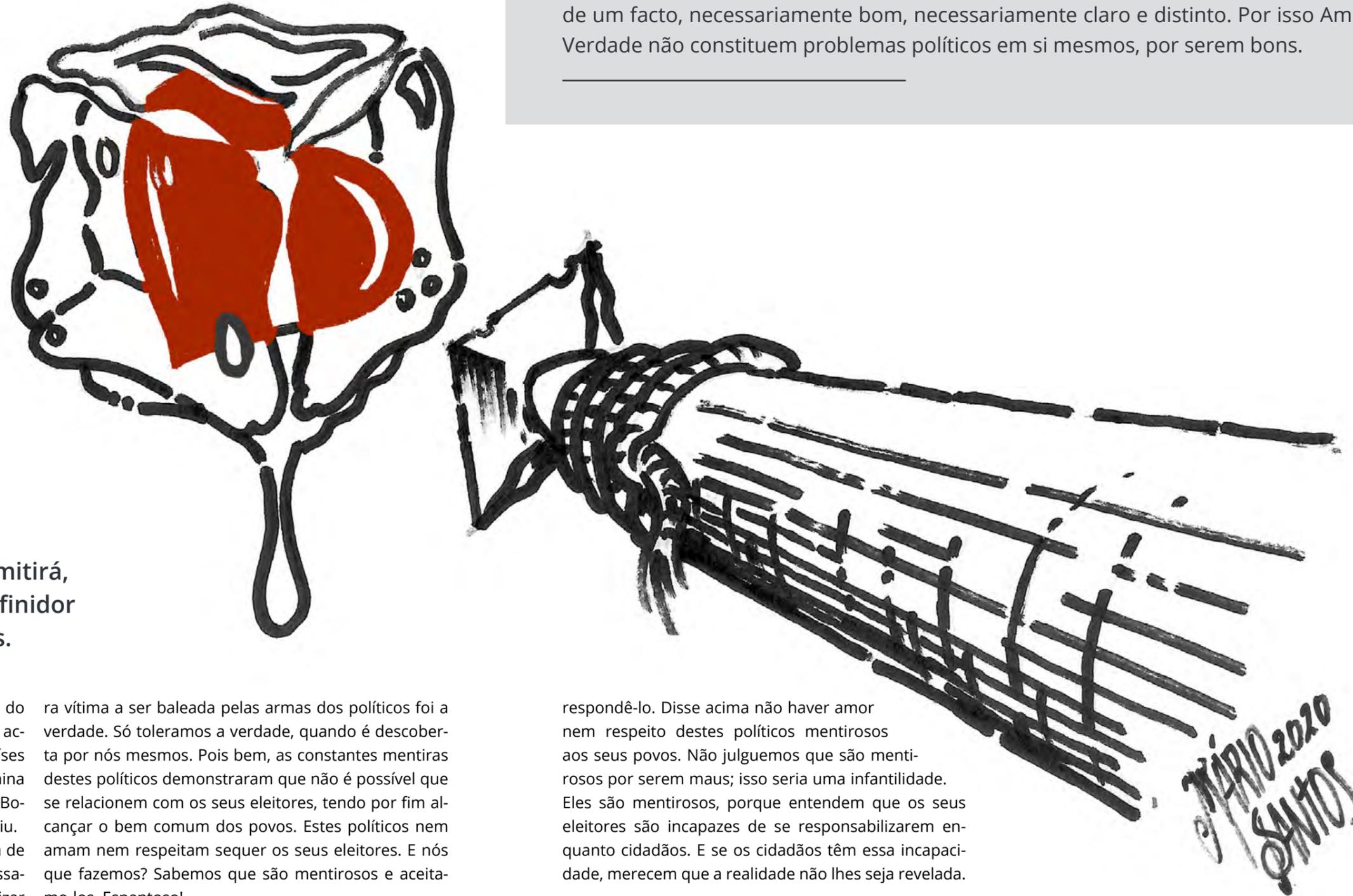
Gramsci foi ainda mais longe: "será possível amar o colectivo sem nunca ter amado profundamente criaturas humanas individuais?" Talvez o director de campanha de Guterres tenha vindo aqui inspirar-se antes de nos atirar com "razão e coração" e doses insuportáveis de Vangelis. Mas, nos dias de hoje, quando os principais líderes do planeta se afastam de qualquer vínculo de afecto ao próximo, aliados a uma razão construída sobre escolhos, o resultado da jornada tende a naufragar em ódio e estupidez.

A ascensão ao poder parece ficar súbita e estranhamente fortalecida por um conhecimento científico, estratégico e cultural instantâneo - ao jeito de juntar água e dar à colher, como se existissem saquetas de divindade. No fundo, "existem os políticos que lutam pela consolidação da distância entre governantes e governados e os que lutam pela superação dessa distância", além do recente o anti-flirt de "é por gostar de ti que te quero a milhas." O amor platónico é bonito apenas em alguma poesia e impossível na política. O Amor exige acção.

E não, não é possível amar um colectivo sem se amar alguém em casa, no trabalho, na igreja, no hospital, em todos os lugares e situações, sem a evidente proximidade e contacto. Esta edição é dedicada ao Amor, com abordagens muito diferentes. Porque cada um dos autores é mais que o resultado de um confinamento de nove meses entre um sortudo espermatozoide e um óvulo.

Voltando ao autor de "Cadernos do Cárcere", "é preciso atrair violentamente a atenção para o presente do modo como ele é, se pretendemos transformá-lo. Ao pessimismo da inteligência, o otimismo da vontade."

**Francisco Segurado Silva**



Amor e Verdade são relacionais. Amor e Verdade actuam em função de um outro, ou de um facto, necessariamente bom, necessariamente claro e distinto. Por isso Amor e Verdade não constituem problemas políticos em si mesmos, por serem bons.

## AMOR E VERDADE

Lúcio Coluna

O século XXI admitirá, ou não admitirá, a verdade como um elemento definidor da acção e discursos dos políticos.

Esta ideia nada tem de ingénuo: a crise pandémica do covid-19 revelou, tornou verdadeira, a noção que os actuais líderes mundiais são mentirosos e que os países e organizações mentem despudoradamente: a China mentiu, Xi Jinping mentiu, a Europa mentiu à Itália, Boris Johnson mentiu, Trump mentiu, Bolsonaro mentiu. Os grandes líderes do século XX tinham a grandeza de moldar um facto à luz da verdade que lhes interessava. Ainda assim, usavam a verdade para caracterizar uma acção política. Os políticos do século XXI usam a mentira e são mentirosos tout court. Apavorado pela pandezmia, o mundo nem quer punir quem fugiu à verdade, nem castigar os mentirosos. O mundo foge como uma criança chorosa, enquanto mais e mais mentiras são usadas como arma política. Dizem estarmos em guerra contra o covid-19; ora, nesta guerra, a primei-

ra vítima a ser baleada pelas armas dos políticos foi a verdade. Só toleramos a verdade, quando é descoberta por nós mesmos. Pois bem, as constantes mentiras destes políticos demonstraram que não é possível que se relacionem com os seus eleitores, tendo por fim alcançar o bem comum dos povos. Estes políticos nem amam nem respeitam sequer os seus eleitores. E nós que fazemos? Sabemos que são mentirosos e aceitamo-los. Espantoso!

Amor e Verdade são relacionais. Amor e Verdade actuam em função de um outro, ou de um facto, necessariamente bom, necessariamente claro e distinto. Por isso Amor e Verdade não constituem problemas políticos em si mesmos, por serem bons. E se se deparam com um problema, não podem renunciá-lo e tentam

respondê-lo. Disse acima não haver amor nem respeito destes políticos mentirosos aos seus povos. Não julguemos que são mentirosos por serem maus; isso seria uma infantilidade. Eles são mentirosos, porque entendem que os seus eleitores são incapazes de se responsabilizarem enquanto cidadãos. E se os cidadãos têm essa incapacidade, merecem que a realidade não lhes seja revelada.

Daí este medo que sentimos: diante da mentira, o mundo, nós próprios enquanto eleitores, nunca conseguiremos mudar seja que estrutura for, porque não somos merecedores. E como não? Embrutecemos-nos com idiotices na TV e na internet, trabalhamos horas a fio, destruímos a estrutura familiar, temos medo de árabes, africanos, latinos, russos, chineses, judeus, americanos.

Somos imaturos, violentos, irresponsáveis. E agora prescindimos dos valores de amor e verdade que os nossos pais nos ensinaram e recusamos tudo, para aceitar o medo e afirmar que o mundo tem que mudar, não pela verdade, mas por medo.

Temos os políticos que merecemos. Até quando?

# AMOR MORDAZ

O governante fazia gestos no ar com as mãos muito pequenas. Os movimentos dos seus minúsculos dedos traçavam linhas invisíveis e horizontais em cima do palanque.

## - Facts first.

Inclinado sobre o microfone, o governante expelia secreções para cima dos jornalistas com uma pequena boca que abria e fechava em quantos-queres.

## - Facts first.

A pele laranja do governante contrastava com as colheres brancas dos olhos, parecendo que, em vez de um crânio, haviam colocado no pescoço do governante uma sweet pumpkin de Novembro.

## - Facts first.

Um guaxinim amarelado e sem focinho estava pousado na cabeça do governante. Mexia-se para a frente e para trás acompanhando as anuências enlouquecidas do governante.

## - Facts first.

O primeiro a notar uma discrepância foi o médico Anthony Fauci, que detectou no lado esquerdo da nuca do governante um estranho líquido branco que bolsonava em golfadas a cada segundo. De seguida, o vice-governante Mike Pence olhou escandalizado para as calças do governante. Fezes acumulavam-se no palco a uma suspeitíssima velocidade.

## - Facts first.

O médico e o vice-governante correram a tentar avisar o governante mas este, já com a boca em espasmos de espuma venenosa, num gesto rápido de pistoleiro texano, sacou das duas pequeníssimas mãos e fulminou-os contra a bandeira americana, deixando um lastro de sangue que coloriu as alvas estrelas.

## - Facts first.

A cabeça do governante caiu sobre os pa-



péis em branco. O guaxinim amarelado ficou preso no microfone, destapando a careca luzidia do governante. As colheres brancas dos olhos encheram-se de fezes e todo o corpo do governante foi engolido para dentro do seu próprio ânus, fundindo-se com a madeira do solo até desaparecer num microssegundo.

## - Facts first.

Após saturada investigação das autoridades competentes, descobriu-se que cada um dos dez jornalistas que estavam na sala havia sido responsável pelo hediondo crime.

## - Facts first.

Incapaz de encontrar um subterfúgio legal que definitivamente aprisionasse os dez jornalistas, cada qual cometendo pequenos crimes de pouca monta no todo do assassinato, o juiz não teve outra solução senão a de os libertar com uma mancha indelével no cadastro: amor doentio pela verdade.



**Ricardo  
Silveirinha**

# O AMOR NOS TEMPOS DE VÍRUS

O amor nos tempos de vírus - muita gente rebarbada e asanhada atrás dos teclados, muitos nudies e nenhum beijo.

Ninguém se toca, não há pele nem cheiro, mas o olhar é exagerado ou apagado.

O amor nos tempos de vírus nem sequer é bom para o olhar.

Dizem que a distância aumenta as paixões fortes e mata as mediocres, mas o olhar atrás dos teclados leva ao engano. Vemos o que nos dão a olhar, e isso é uma provocação. A galanteria desapareceu e deu lugar ao atijar, ao provocar.

Não há romantismo, não há sedução - ou se provoca, ou se apaga o que se impede de olhar.

Não somos fiéis a nada.

Depois há o cansaço, a saturação dos amores fracos ou que tinham um prazo emocional de validade. Estes aguardam o momento certo para se afastarem de vez. Resistem-se um ao outro, num feixe de dias insuportáveis. Provocação ou cansaço - eis o amor infectado pelo vírus. Deixámos de ver pessoas desconhecidas no meio da rua que subitamente desejamos, para sermos bombardeados com milhares de imagens de corpos nus. E o nosso desejo deixa de ter o encanto do imprevisto, para se encontrar diante de milhares de imagens vazias, que não podemos

seguir, que não podemos falar, que não podemos abraçar. Não há movimento, não há encontro, não há a ânsia da espera.

O amor está parado atrás de um teclado Brincando com as palavras e deixando-as diante deste tempo, classifico um apaixonado como aquele que tem alguém que ama e pode ir ter com ela ou ele; temos o apaixonado, aquele que deixou de ter alguém que amava, mas pode encontrar-se com outro amor, e temos, finalmente, o inapaixonado - que fica em casa e sobe pelas paredes. Ou manda nudies.

Que fica então, somente o olhar? Não.

Apesar de tudo, até no isolamento não deixamos de procurar a beleza, não deixamos de querer ter, de possuir. Não deixamos de querer ter o poder de imaginar a beleza. A maior beleza que enfeita o amor é aquela que nasce do espírito.

Nunca esta ideia foi tão verdadeira como agora, neste tempo em que estamos tão sozinhos.



**Pedro Baptista-Bastos**



# O AMOR lá no fundo é...

Perguntam-me o que é o amor. Fui a correr ver no Google, mas nada me satisfez, não comprei caixinha alguma do que por ali me vendiam. Perguntei-me ao espelho e vi uma cara de parvo, de quem ignora de um modo aflitivo a resposta.



Lembrei-me do Miguel. É fodido, disse ele, mas não vou responder igual, seria plágio. Mas é, acho também, não querendo porém plagiar mas também não querendo deixar na mão quem tão interessante pergunta me fez. O que faço agora?

Quis saber quem sou, o que faço aqui, quem me abandonou, de quem me esqueci, isto cantou-nos o Paulo, para nos rematar que o amor era... ganhar e perder! Já sei, é um jogo. Está decidido, o amor é um jogo. Da Glória, por exemplo, com tanta casa em que calhamos que nos traz surpresas, boas, más e assim-assim, o amor

traz muitas vezes sogras, quem sabe o inventor de semelhante jogo gostaria de lhes ter reservado, a elas sogras, uma casa a evitar, como fez com o purgatório, com o inferno e com a morte, perdoem-me tão nefasta e desprestigiante associação.

Ou da Macaca, pois é, lembrei-me, faz sentido, ora saltitando num pé só, nesse amor cheio de obstáculos, ora abrindo as perninhas nas casas 4 e 5 desenhadas a giz no alcatrão, como se que enchendo o amor com o aroma do pecado capital. Faço de tudo, como observam, para evitar replicar o MEC e sua acusação quiçá injusta

Ou da Macaca, pois é, lembrei-me, faz sentido, ora saltitando num pé só, nesse amor cheio de obstáculos, ora abrindo as perninhas nas casas 4 e 5 desenhadas a giz no alcatrão, como se que enchendo o amor com o aroma do pecado capital.

de o amor ser fecundado, que não fecundo! Sabemos que fecunda, isso damos de avanço, mas daí a partir logo para a porrada, vamos com calma. Se é para dizer que é fodido, e se estamos numa de considerar a coisa um jogo, juntemos as duas e o que temos? Monopólio! O amor à guita, apaixonamo-nos pela Rua Augusta e pelo Rossio, mesmo sem nunca por lá ter colocado as patinhas, até em hora de ponta são belas aquelas propriedades azul forte, vemos alguns livres da prisão e tão real se torna a coisa que já nem parece um jogo, ai amor ao carcanhol, ao bago e à pasta porque caminhos ínvios nos levam? Como deixamos escapar em tempos de banco de escola alerta de tal quilate? Andaria a concentração empenhada noutras tabuadas, deveremos desamar tal amor? Não, não deveremos, calma que o amor não é para nervosos! O amor é um jogo, pronto, está dito e não é negociável. O amor é lindo? Jogar também! O amor dói? Queima? Cega? Jogar ao 'alho' dói, jogar com o fogo queima, jogar à cabra cega! Tenho razão, desistam.

Há uma coisa, nisto dos jogos de sorte e azar, como é o amor, em que podemos jogar a feijões e não se perde por aí além, tal se dá quando despimos o drama ao traje do amor, quando lhe retiramos a fatalidade inerente à carga da eternidade que juramos no altar, quando em vez de o garantir entregue na doença, na pobreza também, até chegar a Ceifeira e em lugar disso nos limitamos a olhar nos olhos e a dar um abraço, seja a homem ou a mulher, seja a mulher homem, a travesti, a indeciso de género ou mesmo a género oculto.

É isso, o amor, sendo fodido como concedemos de barato e antemão porque assim o disse Esteves Cardoso em livro, perde dez a zero em jogo de mudar aos cinco e balizas de duas pedras quando o adversário é a ami-

zade. A amizade nisto é fodida, mas é porque não perde, não vacila, não é um jogo, é uma certeza. É o amor feito homenzinho, o amor feito uma senhora.

Recordo o dia em que te disse a palavra 'amo-te' e nela empenhei toda a verdade inerente a um coração que se despedaçava em mil bocados, ajoelhando-se e implorando ao tempo que parasse naquele momento mágico, naquele desenho irrepitível de vida, naquela prova inequívoca da existência de deuses e de todas as belezas. Recordo a hora, o minuto e quantos segundos marcava o ponteiro, quando o ar se me faltou, porque o amor entrou sem cerimónias e me invadiu todos os corações que tinha em meu corpo, sei que posso ser preciso nesta minha afirmação porque foi a minha primeira vez, porque a gritei a plenos pulmões e o mais que tivesse, e porque sem vergonhas me abracei ao homem ao meu lado, e ao outro a seguir, e a quem me agarrava, a quem comigo elevava esse amor sem igual: e gritei, gritei tão alto que terá sido impossível não me teres ouvido:

GOLOOOOOO.

Foi golo, carvalho, gritei, estranhando talvez um pouco aquele 'V' por ali!

E foi teu, meu Mago das Barbas, meu Pequeno Genial, e nunca o esqueci até hoje. Porque o amor, sei-o agora, o amor é fodido! Fodido mesmo!



**João Rebocho Pais**

# À DISTÂNCIA TÃO CURTA DE UM SILÊNCIO

Queria dizer qualquer coisa para te sentir ao alcance curto da voz. Ou queria não dizer nada para te sentir ao alcance ainda mais curto de um silêncio.

Tenho, há tanto tempo, um encontro marcado com nós os dois à esquina do acaso e limitei-me a ficar perdido a olhar para o que passa. Ainda ontem me pediste para te recitar um poema do O'Neill e soltei de cor, como sempre faço com os poemas: "Por isso à tua beira se demora/aquele que a saudade inda trespassa/repetindo a lição, que não decora/de ser, aqui e agora/só um homem a olhar para o que passa".

- Ainda vou a tempo?

Devo ir. A palavra escrita não se apaga; a palavra escrita nunca se apaga. Por isso te escrevo.

Estamos os dois sentados à minha espera e eu quero ver-nos por instantes. A noite está suspensa sobre nós e sobre a claridade magnética da nossa novidade um do outro, parece que no movimento da Terra as horas perderam significado. Há na forma como me olhas uma curiosidade qualquer de palavras por dizer, mas se só eu estava dentro de mim, como poderias saber, então, que escrever viria a ser para sempre o meu nome, a solidão, a tristeza e a paz?

Devagar, muito devagar, vou ao fundo da tua memória e da minha: estamos sentados frente a frente, só os nossos olhos se tocam, nada mais. E eu tinha tanto medo que visses, através da transparência infantil dos teus olhos, toda a água que escorre na vidraça dos meus.

Voltei atrás e vou ficar por aqui, sem quebrar esse subtil encantamento de um silêncio tão, tão completo que não haja palavras que caibam dentro da sua perfeição. Mas oiço-te falar. E oiço-me falar a mim e há pessoas em nosso redor e coisas que não deviam lá estar e estão e eu não consigo fazê-las desaparecer sob o risco de de-

saparecermos também e nada ficar senão duas cadeiras vagas colocadas frente a frente como um presságio.

A cidade parece oscilar ao peso da nossa intensidade. O céu fica límpido de estrelas. Estamos sentados na varanda de um restaurante como se estivéssemos sentados nos degraus mais baixos da eternidade. Caminharemos daqui a pouco os dois de estrela em estrela até esgotarmos o céu; saberei pela primeira vez como é bom dizer baixinho as letras do teu nome e, a partir de então, não me esqueço, nunca mais me esqueço. Para sempre. E, tenho a certeza, tu também não vais esquecer nunca, por mais que o tempo passe. Mas, mesmo que não voltes a lembrar-te, essa noite passou por mim e por ti de uma maneira que ninguém mais será capaz de viver e, então, estejas onde estiveres, saberás que tudo valeu a pena, que tudo valeu profundamente a pena.

Queria sentir-te ao alcance curto de um silêncio. Os acordes de um fado ressoam no eco das ruas estreitas do bairro apertado: "Que importa o Mundo, se há mundos lá dentro do teu olhar?"

Estamos só de estar! Eu sabia que iria encontrar-nos neste lugar onde nos deixei, eu sabia que iria ter um momento único a sós connosco, bastava ter um pouco mais de paciência, apenas um pouco mais de paciência.

Vou guardar-nos agora, se não te importas. Vou guardar-nos naquele lugar lindíssimo junto ao rio suave da memória onde, se quiseres, poderemos caminhar tranquilamente de mão dada sem que nada possa alguma vez apagar toda essa cor azul que trazes por dentro. Vou guardar-nos neste preciso lugar onde voltei a encontrar-nos para que possa regressar, de tempos a tempos, à saudade de uma vida que se não repete.



Estamos só de estar! Eu sabia que iria encontrar-nos neste lugar onde nos deixei, eu sabia que iria ter um momento único a sós connosco, bastava ter um pouco mais de paciência, apenas um pouco mais de paciência.

Olho-nos ainda por mais uns instantes, por mais uns instantes que gostaria que fossem infinitos. Olho-nos para que haja dentro de mim ainda tempo para nos escrever assim mesmo, todos inteiros como fomos. Olho-nos decalcando a noite suspensa, o céu límpido, as cadeiras frente a frente. Olho-nos e escrevo, escrevo sempre, porque a palavra escrita nunca se apaga.

Só os nossos olhos se tocam. Uma pequenina luz libertava-se de ti e eu ainda não aprendera a fechá-la nas páginas de um livro; uma pressa irreprimível estava para nascer e tu ainda não a deixaras chegar à ponta dos teus dedos; frases inteiras estavam ainda por ser

ditas; noites magoadas esperavam ainda por doer; havia ainda o espaço vazio da tua mão na minha mão.

Olho-nos. Vou agora, se não te importas, guardar-nos na caixa azul-impossível de uma noite perfeita na eternidade de nós.

E tu dirás: está bem.



Afonso de Melo

## DO MUNDO PARA O UMBIGO

O amor é uma das altíssimas taxas que pagamos pela macrocefalia relativa com que fomos evolutivamente agraciados.

Nascemos com uma cabeça de proporções difíceis para gerir e alimentar. Como resultado, em vez de estarmos aptos para o mundo dias ou meses depois do nascimento, como a maioria das outras espécies, estamos sujeitos à sobrevivência por extensa proteção. Com o gregarismo e a sociabilização na ordem do dia, evoluímos para amar de forma intensa e prolongada. Ironicamente, esse amor que nos protege como indivíduos é também o que mais nos destrói como humanidade.

O amor por outro primata humano padece de um enfraquecimento exponencial com a distância, seja esta geográfica, cultural ou fisionômica. Amamos primeiro a família e depois os amigos. Mais longe estarão colegas, vizinhos, conhecidos em geral. Compatriotas. Continentais. Humanos. Assim será também com a cultura, ou com a fisionomia. É tão mais fácil amar o jovem do que o velho. Ou amar o belo, o bonito em corpo firme. E o que dizer do amor pelo semelhante? Ainda há bem poucas dezenas de milhares de anos, outros humanos caminhavam pela Terra. E salvo parte menor do nosso ADN, o que a História do Homem nos conta é uma história de medo, de intolerância, de agressividade e de uma limpeza de espécie. Nós usámos a revolução cognitiva para aniquilar todas as outras espécies de humanos que partilhavam o nosso planeta. Tal como hoje, em nome da proteção dos nossos.

Organizamo-nos em torno da célula familiar, ou da macro célula nacional, como se estivéssemos sempre em guerra com o resto do mundo. “Os meus primeiro”; “Antes aos outros que aos meus”; “Antes de tudo, tenho que pensar na minha família, naqueles que amo. Na minha comunidade. No meu país. Nos nossos.”. E é em torno desta irracional e acientífica ideia de amor que desenhamos a invisível fronteira que nos destrói, ao formar uma intrincada estrutura de barreiras disruptivas dentro do nosso incontornável funcionamento em rede.

Ao fim de tantos milénios, encontramos-nos finalmente num ponto em que nos podemos moldar de forma universal. Temos ciência e capacidade para fazer a última das grandes revoluções. O Homem a olhar para si mesmo e a alterar-se, como um artista, em direção a uma existência plena. Começamos então por rever a forma como nos amamos. Amar é querer o melhor para nós e para os que nos são queridos. Isto será sempre incontornável. Mas a única forma correta de o fazermos será através de uma consciência maior, assente na agora exposta verdade de que o bem dos nossos é consequência direta de amarmos todos os outros, e nunca ponto de partida.

**Filipe Rebelo**



## AMOR E TRAIÇÃO - O CASO MEXICANO

Quando Hernán Cortés de Monroy y Pizarro Altamirano, vencedor da batalha de Centla, há pouco chegou a Cozumel, num tempo em que não havia cruzeiros, só naus e mesmo assim frágeis, viu o cacique chegar à foz do rio Tabasco com um pacote de oferta de dezenas de raparigas morenas de cabelo negro e pesado, vestidas com saíotes brancos e blusas de decote generoso, pulseiras nos tornozelos, não lamentou a falta de ouro nos presentes e esqueceu logo Catalina Martins, a nativa de Granada de quem tivera um filho, antes de embarcar para a conquista do México, o que é natural. O futuro Conquistador fixou os olhos cobiçosos nos seios de Malintzín, que o padre de serviço desinfetava com água benta, subiu ao rosto da escrava nauatle, vendida pelo próprio sogro aos traficantes xicalongo, e disse para o seu imediato em castelhano do século XVI: “Eu amo aquela.” Também Malinche, ou Doña Marina, de seu nome cristão, sentiu amor à primeira vista pelo brutal espanhol, pelo que não teve de ser forçada a dar-lhe à boca as suas delícias, tomate, abacate e chocolate, com gestos de amor que Hernán Cortés muito apreciou, retribuindo com sarampo, gripe e bexigas doidas, mais não tinha, além de um filho, Martín Cortez, o primeiro mexicano moderno, rebento da controversa Eva azteca. E controversa porque a sua bonita história de amor intercultural contribuiu para a sujeição da sua pátria à pátria do amante europeu, dos seus deuses ao Deus Nosso Senhor, do povo de Montezuma ao rei espanhol. Dotada para línguas, falando pelo menos três, serviu de tradutora ao seu amado e ajudou-o a endrominar os conquistados.

”

António Costa Santos



## CIRCULAÇÃO INTERROMPIDA

Com os horizontes largos em suspenso, o que é viver numa cidade de ruas vazias onde o nosso universo físico e geográfico se resume à habitação onde estamos confinados e à curta distância que percorremos repetidamente apenas em busca do essencial?

Encontramo-nos em bolhas, antes mais virtuais e agora também físicas, de onde comunicamos à distância numa espécie de simulacro possível que pouco substitui o potencial do encontro físico olhos nos olhos e o toque agora vedado a manifestação do nosso instinto mais primordial e que molda a nossa natureza de seres gregários.

Vemo-nos exilados em nós mesmos, com as casas como lugares de clausura, embora em celas simpáticas e moldadas aos nossos humores, com umas poucas saídas em regime de precária para alimentar a despenha e arejar o pensamento, e de fugazes cruzamentos com outros olhares que revelam quase o mesmo do que nos vai na alma.

Nunca a expressão de “não-lugar” cunhada por Marc Augé para os espaços de trânsito e passagem, incapazes de dar corpo a uma identidade, em oposição aos espaços personalizados do lar e de outros que habitamos de forma permanente, fez tanto sentido na raiz da palavra, e um tanto paradoxalmente objecto de desejo e de escape imaginado. Mas, o que antes eram os espaços públicos, pulsantes, impermanentes por natureza, de cruzamentos e por isso potenciadores do encontro e onde o inesperado existe também ao virar de uma esquina, encontram-se agora vazios e à espera da vivência humana que lhes volte novamente a dar corpo.

E nós do palco onde ao encontrarmo-nos com o outro, com todas as manifestações de proximidade, partilha, cumplicidades, empatia e ocasionais antipatias, também nos descobrimos como comunidade. E dele necessitamos, expostos que estamos, pelo isolamento, ao perigo da indiferença.

Paraíso dos eremitas, estes tempos devem ser também



o sonho molhado de um misantropo. A seu tempo, resgatar a rua, que é antes de mais um acto de cidadania, é recuperar também esse palco para a manifestação dos afectos e dos amores possíveis, aqueles que se revelam sempre que há a possibilidade do encontro.

Até lá, navegando à vista do alto das nossas janelas, vamos descobrindo novas linguagens para a necessidade de sempre.

Gonçalo Pina



# SÓ PODE TER SIDO AMOR

Moçâmedes, Angola, outubro de 1912.

Com 18 anos acabados de fazer, Daniel desembarca do navio 'África', da Empresa Nacional de Navegação, em Moçâmedes, quase três semanas depois de a 22 de setembro ter deixado Lisboa, onde nunca tinha estado e onde jamais voltaria.

Pelo caminho o 'África' tinha escalado Cabo Verde, S. Tomé e, já em Angola, Novo Redondo (Sumbe) e Benguela, antes de aportar ao destino, final para ele, mas não para outros já que a ligação terminava mais a sul em Porto Alexandre (Tômbua), já quase nas margens do Cunene.

Três meses antes, na aldeia do distrito de Coimbra onde nascera em 1894, o seu avô tinha-lhe dito que iria para Angola aprender um ofício na fazenda dos seus padrinhos que eram colonos 'lá para Sá da Bandeira, no meio da África portuguesa'. Nessa altura, atravessar a Serra da Leba era tarefa dura, mas alguns dias depois finalmente Daniel chegou ao destino, a uma terra que acabaria por ser a sua e de onde não mais sairia.

Os tempos eram difíceis, mas a isso já estava habituado na sua aldeia natal. No início do século XX, Sá da Bandeira era ainda uma vila onde os colonos portugueses plantavam milho e criavam gado. Daniel cuidava do gado, mas nas épocas de colher as espigas, porque aquela terra era abençoada e permitia mais

do que uma colheita anual, juntava-se aos grupos que celebravam a apanha daquele cereal milenar. E foi precisamente dois meses depois de chegar, que o padrinho o mandou juntar-se a um desses grupos, constituído maioritariamente por jovens mulheres, e nesse momento o 'Mundo' de Daniel mudou. No grupo estava Sara, uma jovem 'muíla'. Tinha apenas 17 anos, mas o seu olhar provocante e doce enfeitiçou Daniel para sempre.

Era quase impensável um 'branco e uma negra' manter uma relação aos olhos de todos, mas nada havia a fazer. Menos de um ano depois nasceria uma menina a quem foi dado o nome de Elvira. Aquela união era agora do conhecimento de todos, menos da 'Igreja', já que o padre da vila nem podia sonhar com tamanha 'afronta' aos usos e costumes de então. Os padrinhos de Daniel permitiram que ele e Sara vivessem juntos no quarto da 'casa grande' e, como não tinham filhos, a pequena Elvira, que para além de ter passado a ser também sua afilhada, fosse a neta que nunca teriam. Sempre que os afazeres do trabalho o permitiam, Daniel e Sara passeavam de mão dada pelos campos, com a pequena Elvira embrulhada num pano tradicional às costas da mãe.

Em 1916, os 'velhos colonos' decidiram retornar à 'Metrópole' e pediram a Daniel e Sara para levarem consigo a pequena Elvira, agora



com 3 anos. Poderiam educá-la melhor e prometeram que todos os anos voltariam uma temporada para eles a verem. Assim foi: Sara e Daniel ficaram como feitores da fazenda e Elvira veio com os padrinhos para a 'Metrópole', onde a registaram como tendo vindo ao Mundo na 'capital do Império', Lisboa. Os anos passaram e, como prometido, todos os anos Elvira e os padrinhos regressavam a Sá da Bandeira, agora elevada ao estatuto de cidade.

Daniel e Sara nunca mais tiveram filhos, mas mantinham o velho hábito de passear de mãos dadas pelos campos e também pelas ruas, cada vez maiores, de Sá da Bandeira. Os olhares, outrora reprovadores, eram ago-

ra indiferentes, todos acabaram por aceitar aquela relação pura e sincera e com a chegada de um novo pároco acabariam mesmo por casar em 1932, com a presença de Elvira e da madrinha pois 'uma febre' havia levado o padrinho que, antes de morrer, assinara o testamento onde dava a fazenda a Elvira, a Daniel e a Sara.

Sara e Daniel ainda hoje são recordados por muitos. Lembram-se de os ver passear, de mãos dadas, curvados pela idade e por uma vida de trabalho intenso. Daniel morreu em 1986, a 8 de Março, com 92 anos; Sara morreu no dia seguinte, com 91. De mãos dadas na vida e na morte. Isto só pode ter sido Amor.



**José Carlos Soares**

# O AMOR

O amor não sai à rua. Atira-se para o meio dela, circula por qualquer faixa, em sentido único e contra ele. Nunca dorme este monomotor e, quando o faz, fá-lo de persianas abertas e janelas escancaradas. Encanta-se com as insónias de descobrir constelações e fecha os olhos só por um momento, o suficiente para descansar as pálpebras e poder ver a última estrela, que na realidade é planeta, desaparecer.



O amor não sai da rua. Ele corre na planta dos pés e nos pés das plantas, voa com penas sem pena nenhuma, enquanto suspira pelo pouso, porque no pouso é que se pára sem que nada nos separe, e se volta ao braço que ampara, que enlaça e abraça. O amor nunca se cansa. Mede as distâncias sem pressão, desloca-se pela densidade dos sentimentos em que mesmo os mais pequenos são, no mínimo, continentes. Se medíssemos a velocidade a que se desloca seria uma equação mais simples do que a da luz em relação ao som, como a distância entre o relâmpago e o trovão. Podemos descobrir a localização aproximada dum raio quando diminui a contagem entre os dois fenómenos. O amor não é uma tempestade. Ele é tudo ao mesmo tempo, como a impressão digital na pressão atmosférica combinada com a química biológica na nucleossíntese estelar. O amor não é pertença nossa. Ele simplesmente é. Se repararmos, podemos ver que existe até no chão que pisamos quando rapidamente nos deslocamos até ao lugar onde podemos ir. Quantos de nós passamos ali há tão pouco tempo? Passamos a rir, passamos a chorar, passamos com pressa e devagar. Passamos sem saber que cada pedra de calçada contém infinitos registos desse sentimento que nos move, como o vento que enfuna a vela, como a primeira pincelada numa tela, como o ser amado corre para ela.

Um dia João passou por Joana, um pássaro começou a fazer o ninho, uma lagarta nasceu do ovo, um rebento eclodiu da semente, uma aranha principiou a fiar, um peixe começou a nadar. O sol nasce, o sol põe-se. A lua está cheia. A lua é nova. Está minguante. É crescente. Tudo isso é ponto assente. Da montanha fez-se grão de areia, de cada grão um deserto. Da chuva fez-se gota, de cada uma oceano. Estamos todos tão longe, estamos sempre tão perto. Do amor gera-se um sentimento, que cresce independente de nós, criando na matriz uma raiz tão profunda como a eternidade, tão antiga como a areia que corre na ampulheta do tempo. Na intimidade da primeira célula, antes do tronco, antes dos membros, cresce pungente a emanção das emoções que nos movimentam, que nos fazem seguir o rasto das coisas simples, primordiais, do cheiro do primeiro colo, da intensidade do primeiro abraço, dos momentos sem pensar em nada além da fronteira da própria pele. Sinto no arrepio a chuva que se aproxima. Sinto a tua distância como a aproximação do primeiro beijo. Tenho em mim a esperança duma terra por semear, a antecipação da nascente, da sede e da saudade por matar. Os olhos pousados no mar.

O amor navega. Não é uma embarcação, ambos bordos são bons. Tem quilha como quem tem espinha dorsal, um patilhão que o direcciona entre revoltosos e mansos mares de sentimentos. Tem tanto velame como a Sagres e infinitas mil léguas submarinas.

Se fosse de alquimias e outras magias, recomendaria dez gotas antes de abrir os olhos, todas as manhãs, e outras dez antes de os fechar, todas as noites. Surte efeito em poucos dias. Em alguns casos em poucas horas. O choro e o riso não alteram as propriedades desta essência. Pode ingerir-se puro ou misturado com qualquer líquido mais apetecido. Cria habitação mas, até ao momento, não se descobriu nenhum inconveniente além da visão melhorada sobre cada pormenor antes conhecido como insignificância.

**Elsa Bettencourt**



# PAI,

lembras-te?, de certeza que sim, de eu, ainda estudante, te ter dito, durante um uísque noite-longa, que a amizade era poder estar calado, naquilo do silêncio?, e de tu te teres espantado, franzido o sobrolho e, em ironia pausada, me teres doutrinado “não, isso é o amor ...”?

Sempre o recordo. E mais agora, pois tantos nos enclausurámos, coisa de uma epidemia, praga vinda do oriente, que não Constantinopla, por via mediterrânica, contar-te-ei depois ... Quem nos diria, há anos, uma coisa destas? Vamos aflitos, uma gripe rude que devasta mais os velhos, os já doentes e, claro, os fumadores – eu sei, devia ter deixado, mas agora é tarde, seria só casa roubada, trancas na porta.

Hãn?. Sim estou preocupado. Com a miúda, é óbvio, com a mãe – continua no lar (a “residência”, como estes burguesotes têm que dizer) -, os manos e primos, a sobrinhada toda. E os amigos, claro – estamos todos a ficar velhos, tens reparado? Comigo? Que se lixe ... Digo, digo, porque não?, deixa-me lá fingir o peito feito. Semanas atrás quem podia começou a baldar-se para o campo, a tirar os putos das escolas, estas começaram a fechar, mais rápidas as privadas, logo depois também as universidades, e o governo a negar-se. Quem lá está? O Costa, aquele da câmara. Sim, mas é o que se arranja, que queres? O Partido apoia-o, não te podes queixar. É a tua “frente popular”, não me lixes. Mas, dizia eu, quem podia fugiu e o governo lá cedeu, fez como os vizinhos, qu’isto está assim por toda a Europa, e mandou-nos para casa.

Nem todos. As cidades parecem vazias, mas há muitos a trabalhar, os da saúde, polícia e isso. O povo vai à janela à noite e bate-lhes palmas, aprenderam a festerola com o Scolari, aquele da bola. E há mais, mas esses não levam palmas. Na construção civil, em fábricas, os rurais, os biscateiros, as pequenas empresas, continuam mas muito desenfados no casa-trabalho, trabalho-casa. O que é o que o Partido diz? Não sei, não vos leio, tu sabes. Mas reclamou que se pagassem os salários a quem parou.

Lá no meu meio? Pouco sei. Mas de longe vejo que vibram. Li uma colega a perguntar nas redes sociais se os amigos “de esquerda” e, complacente entre parên-

tesis (“e os de direita”), pagam às “empregadas domésticas” enviadas para casa. E eles respondem “sim, claro” – e até que “há empregadas que são como família”. Às dezenas, ufanos! Sim, é isso, o que o Cunhal dizia “radicais pequenos-burgueses...”. Como estou eu? Na mesma, lixado, vetusto, mas isso agora já não conta. Mas deixa-me contar a história que quero: logo que nos fechámos, o pessoal começou a enviar graçolas por telefone (o email já não se usa). Dezenas diárias, das cândidas às pícaras, do plácido ao provocatório. É forma de resistência, manter o ânimo, de estarmos juntos. Mesmo os sisudos, que nunca imagináramos nisto. Espantoso, garanto-te.

E uma coisa soou-me. Tu lembras-te?, dantes a sogra era motivo preferido das chalaças, aquilo das sogras ogres, chatas e intrusivas. Ora agora nem uma piada dessas para amostra. Não porque os velhos estejam em risco maior, pois reina o humor negro. É mesmo porque as sogras já não fazem parte, apartadas as gerações, encostadas nas mitras d’hoje. Já não chateiam, não se intrometem, a família apertou-se, os velhos não contam. E sabes o que ainda é mais interessante? É que de repente confinados em casa, proibidos de sair, correm imensas anedotas como se sobre “as sogras”, da chatice, da canseira com as metediças, da falta de à vontade que causam. Mas agora vêm ditas sobre as mulheres – e também sobre os maridos. Agora as Celestes (e os Antunes) são as sogras de antes, é o que é. Sabes porquê? A gente papagueia, e imenso. Tem medo do silêncio, daquele. Do amor.

(Como estou eu disso? Ah!, agora não vamos falar disso, não vale a pena. Não, não é altura. Acho que sou um sogro, se queres que te diga ... Beberemos um rum sobre isso. Depois.)

**José Pimentel Teixeira**



# O AMOR EM TEMPOS DE “He Who Cannot Be Named”

Escrevo este texto fisicamente confinado, mas mentalmente livre. Totalmente? Talvez não.

Nem fisicamente, pois uma varanda ou uma ida a levar o monturo acumulado ajudam a soltar as pernas e a mexer o restante arco-boiço, nem mentalmente, pois ver sempre os mesmos tabiques cria alguma saturação.

Neste confinamento não estou afortunadamente isolado. Nem, imagino, a maioria.

Estamos juntos. Com uma ou mais pessoas. Muitos estarão com quem escolheram partilhar a vida. Esperávamos nós que, por duração incerta, fosse uma convivência contínua, sem interrupções, um 24/7?

Vivemos tempos de provação.

O “He Who Cannot Be Named” a isto nos levou.

Imaginávamos viver um teste com estes atributos e dimensão? Experimentar algo que só víamos produzido e realizado pelas mentes criativas de Hollywood? De criativos a visionários foi um saltinho. Tão célere como a propagação do “He Who Cannot Be Named”.

Também o petiz Harry Potter não sabia a provação que teria pela frente para combater a distopia que o seu universo enfrentava. A nós de nada servirá a fantasia e a magia, mas o jovem aprendiz, até alcançar o momento solitário final, contou com o arrimo, cumplicidade e a perseverança de muitos, que o foram acompanhando e alentando.

A todos o Amor serve, a todos o Amor ampara e catalisa. Dos amigos, dos familiares e de

com quem nos unimos.

E é com esses que nos estão próximos, sobretudo aqueles que partilham as mesmas asoalhadas, que faremos e superaremos esta travessia.

Com tudo o que é preciso. Nada de novo. Na verdade, o que já era, mas agora intensificado.

Entre conversas e silêncios.

Entre toques e olhares.

Entre ajudas e descomplicações.

Entre sorrisos e arrufos.

E a tudo a dar valor. Agora, mais do que nunca.

Sendo mais árduo dar valor no que existe o perigo da saturação, a valorização daquilo que nos é barrado ganha contornos superiores, mas sem riscos de hiperinflação.

Valorizamos agora aquele repasto com amigos tantas vezes adiado pela vertigem das vidas agitadas. Em simultâneo o amor da amizade é fortificado fazendo (literalmente) um Zoom.

A paixão clubística, vivida nas bancadas ou pelo ecrã, deixa saudades, embora nos momentos actuais o zapping nos canais de cabo quase que é mentalmente mais saudável. Always look on the bright side.

A poluição não fica só reduzida pela ausência de debates entre paineleiros da bola. De tantas juras de amor ao ambiente que iam



**Rodrigo  
Saraiva**

sendo adiadas, o “He Who Cannot Be Named” encaixotou movimentos poluentes e deixou o planeta respirar fundo. No Bósforo já saltitam golfinhos, para quando no Tejo?

Quando os pensamentos viajam para lá da ventã, tudo o que não podemos tocar, ver ou ir, ganha um valor que não atribuíamos na lufa do dia-a-dia. Por muito que a Nespresso mitigue o desregramento cafeínico, faço juras de amor ao ruído da robusta Cimbali.

E enquanto tudo o que ficou distante ganha relevância, tudo o que está presente no confinamento não pode ser descurado por ris-

cos de saturação. A compreensão ajuda na provação. Seria sempre melhor um croissant açucarado do Careca a uma arrufada caseira, mas tal como a sabedoria popular, não há nada melhor que um doce caseiro, mesmo que tenha átimos amargos na feitura.

Amemos então o que próximo está e o que momentaneamente dista. Fisicamente, em toda a sua plenitude, ou mentalmente pela ideação.

Se há coisa que “must be named” é o Amor, até porque quando numerado vai muito mais à frente que o “He Who Cannot Be Named”.



# “PÃO E VINHO SOBRE A MESA”

Sara Sampaio Simões



## MESA NÚMERO 1

A toalha tem flores desbotadas.

- Pus esta, Julieta. Sei que não gostas porque já quase não tem cor. Mas estava mais à mão. E eu, cada vez mais, preciso de coisas mais à mão.

Alfredo senta-se. Começa por cortar uma fatia de pão já rijo. Depois, enche o copo do líquido que, segundo o médico, até faz bem ao coração.

- Eu sei, o doutor disse um copo. Mas dois não farão mal. E esta pinga é das boas. Vá, Julieta, não reclames, mulher.

O pacote que trouxe da mercearia perdeu os seus cinco litros e resume-se agora a dois. Alfredo serve-se, agora da comida. Atum com feijão e salsa. Junta tudo, com a delicadeza e o amor com que juntava aos domingos a filha única e os dois netos.

- Falei hoje com a menina. Eu sei, tem quase cinquenta anos, e tu não gostas que eu a chame de menina, mas é o que ela é. A nossa menina. Estava em baixo. Nem era para te dizer, não gosto que te rales. Mas estava. Não é disso, a nossa Antónia. Sempre de bem com a vida. Deve ser disto tudo.

Atum, feijão e salsa formam agora uma família. Alfredo dá a primeira garfada e torce o nariz.

- Eu sei que estou mal habituado, mas traz-me aí o vinagre. Sempre dá alguma graça. Ai, o que é que eu vou fazer sem ti, minha Jusita...

O vinagre junta-se à família. Agora, sim, Alfredo lambe os lábios.

- Queria ver os rapazes. Está bem que me dão conta da cabeça. Mas agora que para aqui estou sem os ter, dá-me qualquer coisa como um aperto. Baixa aí o televisor, Julieta. Não quero saber mais.

Alfredo junta os talheres. Comeu bem. Bebeu bem. Descasca agora uma laranja. Dizem que à noite mata. Melhor ainda. Aumenta o som da televisão. E descasca outra laranja. Naquele descascar, lembra o mundo que já não é seu. Viveu demais, não quer ver mais.

- Sabes, Julieta... Tu vais levar-me a mal, mas isto já não é para mim. Eu tentei. Oh se tentei.

Alfredo pára de comer a segunda laranja. Olha para o fundo do corredor. No bengaleiro da entrada, dois casacos. Olha para o gomo que tem na mão e que o liga à vida. Olha para o bengaleiro que o quer fazer caminhar para a morte.

Alfredo pousa a laranja. Levanta-se. Ajeita a toalha engelhada e arruma meticulosamente a cadeira. Faz o corredor onde dançou com Julieta, deu sermões a Antónia quando ela chegava tarde da discoteca, onde brincou às escondidas com Tomás e Tiago. Pára a meio, olha para trás. Sorri. E regressa ao destino. Pega nos dois casacos.

- Não te rales, Jusita. Eu já sou de risco desde que me morreste.

E a luz do hall do prédio ilumina a mesa, onde jaz um prato vazio e a moldura com o corpo de Julieta.

A porta fecha-se.

## MESA NÚMERO 2

- Tiago, podes vir para a mesa? Isto está a arrefecer.

- Estava a tentar falar com o avô. Costuma telefonar sempre a esta hora. Ontem e hoje não ligou.

Tiago pousa o telemóvel em cima da toalha de um vermelho sorridente enfeitado por pão integral e uma garrafa de vinho cara. Ao mesmo tempo, a mãe explica-lhe que Alfredo não liga muito àquele apare-



**Alfredo pousa a laranja. Levanta-se. Ajeita a toalha engelhada e arruma meticulosamente a cadeira. Faz o corredor onde dançou com Julieta, deu sermões a Antónia quando ela chegava tarde da discoteca, onde brincou às escondidas com Tomás e Tiago. Pára a meio, olha para trás. Sorri. E regressa ao destino.**



**- Mãe... É hoje? É hoje! Claro que é hoje. Tu disseste que só abrias esse vinho quando fizesses cinquenta. Fogo, cinquenta...  
E, num impulso, Antónia levanta-se. Tomás avança. O copo quase cai com o toque do pé da mãe. O cortinado esvoaça com o movimento do filho. Meio século.**

lho-maldito de que a humanidade é refém, rematando com um “de qualquer das maneiras, ele hoje ainda me deve dar notícias, estou à espera disso”.

- Pela garrafa, hoje é dia especial, dona Antónia.

- Todos os dias são especiais agora.

- Sim. Desde que o meu irmão está fechado no quarto que isto tem sido brutal.

A ironia camufla a preocupação. A preocupação esconde a tristeza.

- Cada um de nós vive isto à sua maneira.

- Não é viver. É só ser egoísta.

Antónia faz rodar o vinho dentro do copo – comprou-o há dois meses sem adivinhar o bem que lhe saberia – e garante que foi feito o telefonema para o ex-marido. Não fossem os papéis assinados a tempo, aquela quarentena seria ainda mais... Como dizer?

- Merdosa.

- Não quero palavras dessas à mesa, Tiago!

- Merdosa. Repito mais. Situação merdosa. Ou achas que não? O pai bazou, despacha-me ao telefone, o meu irmão está a bater com a cabeça nas paredes do quarto e tu...

Antónia espera em silêncio. Sabe que o que lá vem pode ser a mais cruel de todas as frases. Mas Tiago não completa.

- O teu avô não atendeu?

- Já te tinha dito. Se me ouvisses, se não estivesses sempre muda aí no teu canto, tipo autista...

Aí veio ela. A mais cruel.

- Gostas da massa? Fiz como pedes. Não é assim que a Gi faz?

- Não quero falar sobre ela.

- Queres falar sobre o quê?

- Qualquer cena menos da namorada com quem não posso estar. Nem do mano gémeo covarde e hipocodríaco.

- Não falamos então. Hoje o dia é especial. Sim, não escolhi este vinho em vão. Puxa lá pela cabeça.

- Também não quero falar sobre a avó Julieta. Ah, nem sobre o pai. Ou a atrasada da gaja com quem ele anda.

- Filho...

- Também não quero que me digas que não posso falar assim das pessoas. Junta à lista os emails da escola e o cheiro da lixívia. Não. Acaba já a lista. Põe lá nada. Ou rasga a lista. Ou não a faças sequer. Nada.

Posso levantar-me?

Tiago já estava levantado quando o perguntou. Antónia não lutou contra. Já não queria lutar contra. Quando ouviu a porta da varanda – onde Tiago ia fumar às escondidas, como se fosse possível fumar às escondidas de uma mãe – fechar, serviu-se de mais vinho. Contemplou-o. Deu um gole, pegou na garrafa.

Antónia sentou-se no hall, junto à porta, essa grande barreira entre o mundo imundo cá de fora e o imaculado de Tomás. Deu duas pancadinhas. Sorriu ao ouvir o outro filho dizer que estava bem.

- Deixa-te estar, não te preocupes. Só vim aqui beber um vinho ao pé de ti.

- O Tiago voltou a sair da mesa?

- Não. Desta vez, saí eu.

- Estás a mentir.

Do silêncio, três segundos até à porta abrir. Tomás mantém-se à distância. Adora a mãe. Mas começa a suar.

- Não tens de.

Tomás pega no gel desinfetante, mesmo tendo tocado apenas no ar. Mas o ar, só por si, já é um veneno. Se o não sabem, deviam saber! A cabeça de Tomás pára de falar quando ele vê a garrafa que adorna o hall.

- Mãe... É hoje? É hoje! Claro que é hoje. Tu disseste que só abrias esse vinho quando fizesses cinquenta. Fogo, cinquenta...

E, num impulso, Antónia levanta-se. Tomás avança. O copo quase cai com o toque do pé da mãe. O cortinado esvoaça com o movimento do filho. Meio século. Cinquenta anos. Mais de dezoito mil dias. Curso de Letras não terminado. Duas melhores amigas. Três namorados. Cerca de quinze viagens. Quatro mudanças de casa. Tratamento de fertilidade. Parto de gémeos. Casamento mal sucedido. Mãe morta. Pai desaparecido há vinte e cinco horas. 438 mil e trezentas horas. Feitas de tudo. Menos de um abraço no dia em que se completam cinquenta aniversários. Antónia levantou-se. Tomás avançou. O copo quase caiu com o toque do pé da mãe. O cortinado esvoaçou com o movimento do filho. E, com medo que o mundo acabasse ali, deu-se o abraço. O melhor de todos. O maior de todos. O do olhar. O do amor. O do cordão umbilical.

- Feliz aniversário, mãe.

## NATÁLIA À JANELA

**A ver se me lembro de gastar as tangerinas. Mais um dia e fica tudo cheio de bolor. Um sumo. Não, uma papa com banana. A avó Marília fazia-me sempre uma papa com banana e laranja quando eu ia lá a casa dela. Punha açúcar**

- Olá, Dona Natália.
- Olá, filha.
- Tem tudo o que precisa? Eu posso pedir ao meu filho para lhe trazer umas coisinhas.
- Tenho tudo, Margarida. Obrigado. Vai mas é para casa, que isto não está de andar na rua.
- Veja lá... não custa nada.
- A dispensa está cheia, não te preocupes com isso. Ainda ontem fui ao super aviar-me.
- Ó Dona Natália... já lhe disse que não pode sair daí. É perigoso.
- Vai lá, vá. Até logo.
- Cuidado consigo, Dona Natália. Até amanhã.

Tenho estes cortinados numa lástima. Todos esgarçados. Amanhã lavo-os. Amanhã não, depois. Amanhã tenho de ir comprar bananas. A avó punha açúcar na papa mas agora já não gosto. Fica muito doce. Que engraçado... como as coisas mudam. Ela esmagava a banana com um garfinho, depois metia o sumo da laranja por cima e eu pedia “mete açúcar, mete açúcar!”. Ela dizia que só podia ser um bocadinho mas metia sempre mais. O sabor da papa ainda hoje me lembra aquela casa, o cheiro da cozinha, uma mistura de flores e fruta e a lixívia do chão que estava sempre todo limpinho. A janela com uma vista larga. Lembro-me das mãos da minha avó, o cheiro do sabonete que ela usava. O que andarás a avó Marília a fazer? De certeza que, se ela estivesse aqui, me punha açúcar na papa. E já tinha lavado estes cortinados encardidos.

(Natália rasga os cortinados num só gesto repentino. Atira-os pela janela. Os cortinados caem em cima da careca do estofador Tobias, que segue, indiferente, pela rua, feito noiva de trazer por casa.)

”

Ricardo Silveirinha

## “8:42” - I - VOANDO DA JANELA

Francisco Segurado Silva

“Sou o Fernando Madruga e são 8:42 do meu último dia”, escreveu no tempo que o talão de Multibanco lhe deu antes de se escapar das mãos. Café e cigarros na varanda entornaram-se de laranja no sol matinal enquanto, três andares abaixo do pânico, uma mamã deixava os quatro piscas em segunda fila para levar os putos à escola. E o escrito, folha seca de outono, a caminho deles lá em baixo, indomável.



nando desbragado, ridículo de caneta em riste e de costas para os risos dos outros. “Já não o apanha”, ouve-se e crê-se, finta o chão ou o que nele há, que é merda de cão, perdendo proximidade, fôlego e ânimo.

Fernando atravessa a avenida atravessado; irritado, cansado, com o aperto de quem tenta umas linhas num papel sebo e depois perde subitamente um bom início. Perder começos é fodido. É chegar à sala esconsa do cinema e tentar intuir os dez minutos perdidos depois do genérico: desculpe, obrigado, com licença, peço desculpa, obrigado, esse lugar é meu, está aqui, m15, por amor de deus, não pude chegar antes, obrigado, desculpe e, já agora, pode contar-me o que se passou no filme até agora?

Sem se empatar, Fernando desceu as escadas do prédio esquecendo as artroses e o esporão, saindo a fluir no empedrado do mundo atrás de um papel, numa vergonha de homem feito em preparos de moltão rosa e chinelos. Uma das crianças, arrastada pela mão da mãe, observou Fernando com estupefação por ver um homem-Kitty mas logo se esqueceu da visão apocalíptica enfiando uma gorila gigante na boca e seguindo em frente.

Indiferente a tudo isto, lá vai ele outro, o papelito, primeiro por cima de um táxi, depois enroscado numa roda de trotineta. À boleia do vento gelado, corre Fer-

Ofegante, para de rodilhas junto ao semáforo. Quando olha para cima, percebe que está ladeado de uns putos betos todos iguais e betas com os putos pelas mãos, parecendo-se todas a mesma. E nos olhos deles e delas, Fernando vê-se a si próprio: um cinquentão todo engelhado, Beethoven de trazer por casa, saído da cama, prostrado sobre os joelhos. Somente os olhos fixos, numa nota de começo de dia, de frase, de texto, a afastar-se em ciclos cada vez mais rápidos, colada numa roda de scooter avenida abaixo.

- Último dia de merda.

(CONTINUA)

# CONSULTÓRIO DO DR. PHILL



“Boa tarde, Dr.Phill, Ultimamente tenho notado que os meus novos amigos não são como os que tinha anteriormente. Andam como que distantes. Faturas por pagar, sem reservas em Hotel 5 Estrelas, nada de apartamentos em Paris e, mais grave, o meu último livro (Memórias de um Gordo) vendeu -2 exemplares. O que posso fazer?”

**José Pinto de Sousa, Refomado, Ericeira**

**R:** O meu conselho, caro José, é que não se deixe iludir por amigos verdadeiros, que apenas nos dão bons conselhos e se preocupam quando os nossos gaiatos andam com diarreia no infantário. É bem mais interessante (e rentável) comprar uma rede de amigos através de subornos e trafico de influências. Evite ver fotografias de férias em Monte Gordo e festas de aniversário com gente que compra a roupa na Primark. Back to Basics. Um forte abraço.

“Olá Dr.Phill. Durante muitos anos andei agarrado aos abraços e aos beijos. Cheguei, em determinados momentos, a vender as pratas da família e a coleção de livros autografados do Paulo Coelho para pagar a um ex-militar kosovar o fornecimento de doses regulares de abraços e beijos. Com isto do Covid-19 ando com suores frios e a comer margarina à colherada. Não sei o que fazer”

**Marcelo Sousa, Amigo, Belém**

**R:** A dependência de substâncias psicotrópicas pode causar essa miséria mental de que está agora a padecer, caro Marcelo. Assim, e enquanto estiver confinado sem receber as visitas do seu dealer kosovar, recomendo vivamente a nova categoria no site Pornhub: “Abraço”. Aqui pode encontrar alívio para o seu sofrimento com milhares de vídeos explícitos de gente que se abraça tanto pelas costas que pelos das barrigas de uns ficam colados nas costas de outros. As rápidas melhoras, amigo.



**Philmore Stevens**

“Caro Dr.Phill, espero que me possa esclarecer nesta dúvida que me atormenta: Sendo eu virgem e com casamento marcado, fiquei com algumas duvidas sobre a minha orientação sexual ao ver um vídeo em que o Dr. Pedro Marques Lopes se contorciona ao ritmo da Vanessa Paradis. Fiquei com uma erecção durante 3 dias. Serei celíaco?”

**Chicão, Virgem, Quinta Patiño**

**R:** Amigo Chicão, o que relata é muito comum. Segundo a loira da DGS, mais de 90% dos portugueses vão sofrer uma erecção ao ver o vídeo do Dr.Lopes. No entanto, se a erecção persistir, recomendo que veja uma foto da Isabel Moreira de 8 em 8 horas. Evite Chocapic.

# PONTO DE APOIO

O primeiro pensamento que me atravessou a cabeça quando me falaram no tema de escrita foi “o que tem o c... a ver com as calças?”.

No entanto, fazendo um paralelismo com uma afirmação que faço repetidamente nas minhas aulas, em que afirmo que mesmo só para pensar o homem pode dispensar tudo menos o ponto onde se apoia, lembrei que, por mais kama-sutriana que fosse a posição do amor, sempre haveria a necessidade do tal ponto de apoio e assim se justificaria a presença de um imóvel no acto.

A sabedoria popular diz que para ser feliz basta “amor e uma cabana”, desvalorizando assim as características do imóvel em que a relação se desenvolve. Por outro lado, diz que “quem casa quer casa”, sendo que o imóvel aparece aqui numa designação mais sólida, fazendo o acto de casar uma subida naquilo que os ingleses chamam de escada da propriedade. Depois, uma página da net prendeu a minha atenção: “Mais que um lar, um legado de amor!”. Isso mesmo, a página de uma agência de corretores, prometendo vender legados de amor. E assim, o imóvel, que já vimos corporizar a paixão trágica dos amores de Carlos e Eduarda, a luxúria de Emma ou o amor divino de Mateus, passa a ter uma dimensão mais afectiva, de transmissão de amor para as gerações vindouras. Amor rima com Valor. Parece que é apenas de hoje a preocupação de transmitirmos um imóvel em bom estado, cujo valor represente o amor que temos por aqueles que nos sucedem, mas tal não é verdade. A preocupação dessa transmissão é fortemente enraizada na nossa cultura; apenas que antes estava circunscrita aos imóveis particulares e hoje se começa a ganhar consciência sobre os espaços exteriores ao meu imóvel, que unem

aos outros, seres e imóveis, e que no seu conjunto formam a Terra.

Mas, qual o valor que o amor transmite? O que hoje construímos com afinco, para transmitir como prova do nosso amor, está prenhe dos valores que hoje temos e que queremos que os futuros guardem. Os campos com mina de água, os pinhais, que alguns felizardos (?) receberam dos seus avós representam valores passados, como passados serão os valores dos imóveis que hoje vamos criando e acumulando, nessa tentativa de deixar uma forma resistente ao tempo de transmitir o nosso amor. Uma prenda quando se dá... deve representar o gosto de quem a dá ou de quem a vai receber?

É esse sentimento de perenidade que o imobiliário encerra que o transforma num mercado de investimento que incorpora uma maior dose de emoção que os outros investimentos. Afinal, um imóvel é um espaço em que eu posso amar e, depois de usar como ponto de apoio, transmitir como legado de amor! Que título de qualquer valor mobiliário, que metal precioso, que moeda internética permite o mesmo?



**Vitor Reis**  
Director da ESAI



## AI O CAROÇO! A TOMATADA

### Introdução:

Os últimos anos trouxeram para a ribalta a cozinha *gourmet*, com todas aquelas palavras cheias de sabor no falar, onde é tudo feito ora ao vapor, ora a baixa temperatura - e quase tudo é apresentado em camas das mais variadas espécies. A gente chega a duvidar se é uma receita ou um manual de instruções de uma grande superfície de móveis.

É também muito comum ouvir a frase feita “cozinhar é um acto de amor pelo próximo”.

Bom, aqui no nosso Campo não estamos cá com moengas dessas. Acima de tudo, o Alentejo tem dos melhores tomates e os meus estão no sítio, frescos, saborosos e carnudos, na minha horta. Muitos dos outros produtos hortícolas vêm do mesmo canteiro. Aqui por estes Campos abertos, onde o céu e a terra se tocam, o acto de amor acontece também quando nos sentamos à mesa uns com os outros para petiscar os pratos mais simples que herdámos dos nossos antepassados, e onde volta e meia há uma garganta que solta o cante. E como diz o meu amigo Castor, o rouxinol canta melhor de bico molhado. Depois há magia.

A tomatada, um acompanhamento que tanto tem de simples como de saboroso, é um desses pratos.

### Ah, façam lá isto:

Primeiramente é feito um refogado com cebola e alho, que levamos a ‘aloirar’ em Azeite, com A grande, o verdadeiro, o puro, sem misturas e sem esquecer uma folhinha de ‘sobrasempre’, a que os urbanos chamam de louro. Acrescentamos uns pedacinhos de presunto do tamanho de joaninhas, os tais tomates agora famosos, sal, e, por fim, os ‘pêdos’ - vulgo ovos de galinha do campo. Mistura-se tudo e eis que temos uma bela tomatada.

Se tentaram fazer e saiu uma boa murraça, joguem tudo fora. Venham até ao Campo do Caroço (quando abrirmos) c’á gente ajuda a entender como se faz. Fica em Albernoa, porra.

### Martinho Pereira



# SONAR

## Da banalidade do bem

Apanhados desprevenidos na azáfama quotidiana do que julgamos serem tempos sem as estórias trágicas que nos habituámos a ler em compêndios históricos ou em narrativas que escutávamos incrédulos da boca de antepassados que sobreviveram a tragédias que pensámos encerradas em capítulos irrepitíveis, porque superados pelo engenho do homem moderno em manada, de quem pensávamos ser culminante exemplo acabado.

Percebemos rapidamente a periclitância de tudo quanto demos por adquirido, das prateleiras repletas de papel higiénico nos supermercados, ao ordenado garantido na conta ao fim do mês, sem esquecer a benevolência dos mercados, a força da autoridade, a liberdade de movimentos ou a necessidade de sindicatos e de patrões.

**Daniel Martins**

**Ler mais em:**

<https://mordaz.pt/2020/04/08/da-banalidade-do-bem/>



## Prelúdio - A irresistível anciania

Dizem as más línguas que dar o nome a um texto é um dos exercícios tendencialmente mais simples no processo criativo da escrita. Esse é só o momento em que, de forma elementar, mas com algum carinho e amor, se decide, qual derramamento de água bendita, reputar a nova criatura. Mas não, não se verifica, é pura especulação. Divergência factual ou imbecil atracção pelo abismo?

Mas, sobre "amor", como assim? Mais uma antologia poética? Que fórmula ou formulação? Familiar, passional, espiritual, transcendental, eclesiástico, aos animais, à natureza, à vida, ...? "Amor em tempos de ...", perdão, isto já está mais do que visto. Ora bem, então o nome será "Amor à distância", bom, também me parece desadequado continuar focado na parte meio vazia do actual, copo. Talvez "Amor sem ecrã", negativo, desaprovação generalizada. "O amor está no ar", o maior chavão de todos os tempos, desconformidade absoluta. "Amor é...", jamais, demasiados autocolantes para os da minha geração.

**Garcia**

**Ler mais em:**

[https://mordaz.pt/2020/04/08/preludio-a-irresistivel-anciania/Daniel Martins](https://mordaz.pt/2020/04/08/preludio-a-irresistivel-anciania/Daniel%20Martins)

## Amor e uma cabana com livraria

Paixão. Emoção intensa, prazerosa, fugaz. Amor. Sentimento multifacetado, complexo, altruísta, duradouro.

É um facto que aplicamos estes dois conceitos indiscriminadamente, mas a sua diferença não está apenas no léxico ou na semântica. É vívida nos sentidos. Quando nutrimos paixão por algo ou alguém, sentimos a necessidade biológica de nos envolvermos pelo objeto da nossa emoção. É físico. Há um frio na barriga, uma alegria extasiante, uma necessidade de ter, de estar perto. É, por isso, uma emoção egoísta, precisamos de alimentar a paixão para nos sentirmos bem. Já o amor, é um sentimento de substrato altruístico. Pelo destinatário do nosso amor, somos capazes de nos ultrapassar, de considerar, em primeira instância, o que amamos em detrimento de nós próprios.

Por isto, sei que as estórias são o meu amor mais antigo. Em pequena, absorvia as palavras da minha mãe com fervor. Olhos esbugalhados de entusiasmo a viajar em deleite. Ao entender que as suas palavras indiciavam um final, os olhos eram aflitos, lacrimejantes, refletiam severa desilusão. Pedia mais estórias. As estórias em forma de palavras, foram o meu primeiro contacto com os mundos transponíveis.

**Márcia Branco**

**Ler mais em:**

<https://mordaz.pt/2020/04/08/amor-e-uma-cabana-com-livraria/>



# DESTACAR PELO PICOTADO

Tibúrcio & Gervásio ressuscitam o ideário do Corpo Expedicionário Português, da 1ª Grande Guerra do soldado Milhões. Tibúrcio & Gervásio são uma dupla acabada de formar na trincheira abaixo, após a morte do pobre soldado Antunes.

A acção passa-se, porém, nos dias de hoje e com temas actuais.

Com total insensibilidade, pois tudo o que mexer e estiver inanimado será raivosamente metralhado pelos dois intransponíveis soldados. A frase não é nossa, mas a ideia a reter depois de cada página será "destacar pelo picotado".

**Pini & Segurado**

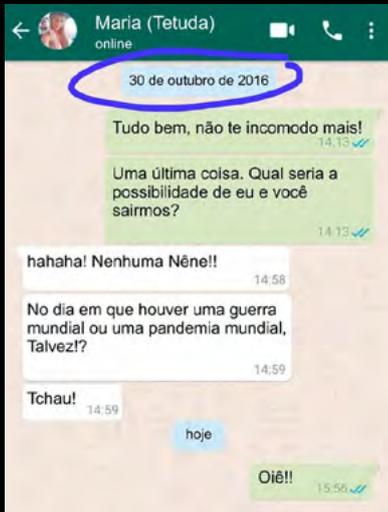
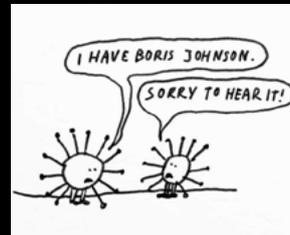
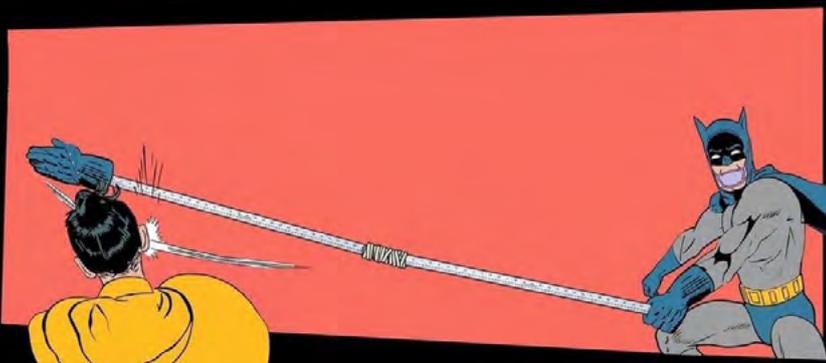


# VIXIT

SIGNIFICADO: VISTO POR AÍ NAS REDES (PODIA SER). TAMBÉM, PALAVRA LATINA QUE SIGNIFICA "VIVEU"

É verdade, esta quarentena está a dar para mais do que pensei, tenho feito coisas novas, ou que fazia bem pouco. Tenho almoçado e jantado em casa (por vezes até a horas decentes e com a família) voltei a tocar piano (ou a tentar) leio mais, vejo mais séries, jogo PS4, vou à janela (às vezes de dia) aspiro a casa duas vezes por semana e às vezes limpo o pó. Tenho feito umas sobremesas, tantas e tão boas, que pensei criar um canal no YouTube “deQuarentenaCUzinho” (ou QCU para os amigos) mas na verdade ia dar imenso trabalho porque faria concorrência à Pipa na cozinha ou a Pipi dos doces ou lá o que é. Mas fiz a minha primeira sopa... E isso já ninguém me tira.

@markuneves



@instagram.com/quarentenacronica

